

Educação para a sexualidade na formação de professores/as na modalidade de ensino a distância: a utilização de um objeto educacional

Ana Cláudia Bortolozzi Maia; Olga Maria Piazzentim Rolim Rodrigues; Ligia Ebner Melchiori & Vera Lucia Messias Fialho Capellini

Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Estado de São Paulo, Brasil
acludia@fc.unesp.br

Resumo

Na escola inclusiva convivem estudantes diversos e alguns, com deficiência. Uma das dimensões no desenvolvimento humano de todas as pessoas é a sexualidade, embora existam crenças errôneas sobre a relação sexualidade e deficiência. Professores/as devem estar preparados para lidar com a sexualidade de estudantes com deficiência na escola, e, propostas de capacitação na modalidade de Educação a Distância (EaD) têm sido uma alternativa de formação. Este artigo apresenta uma proposta de educação para professores, vinculada a uma parte das atividades realizadas na disciplina “Desenvolvimento Humano e Família” de um curso de Especialização em Educação Especial, na modalidade EaD. Descreve-se um objeto educacional denominado “Jogo: desafios e ações na escola”, em que, continha quatro situações sobre comportamentos envolvendo a sexualidade de estudantes: pergunta sobre sexualidade, masturbação na sala de aula, namoro do pátio da escola e discriminação de uma colega obesa. Em cada uma delas, havia possíveis ações para os/as professores escolherem e, em decorrência, seus desdobramentos. A escolha das ações levaria ao final a um “perfil docente”, oferecendo reflexões. Os docentes registraram comentários espontâneos positivos sobre o conteúdo do jogo. Conclui-se que essa proposta foi um importante instrumento pedagógico utilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem que pode auxiliar na formação de professores/as em cursos de educação para a sexualidade.

Palavras-chave: educação sexual; inclusão; deficiência; educação a distância; objeto educacional.

Abstract

In inclusive school there are many students and some with disabilities. One of the dimensions of human development of all people's is the sexuality, although there are erroneous beliefs about the relationship sexuality and disability. Teachers must be prepared to deal with the sexuality of their students with disabilities in school, and proposals of education in the form of distance education has been an alternative to the training. This article relate an educational proposal for teachers, linked to a part of the activities undertaken in the discipline "Human Development and Family" on a course of specialization in Special Education in Distance Education mode. Describes an educational object named "Game: challenges and actions in school" , that presented four situations on behaviors involving sexuality of students: question about sexuality, masturbation in the classroom, dating from students and discrimination an obese colleague. In each one, there was potential actions to the teachers choose and, consequently, its unfolding. The choice of actions would lead to the end of a "teacher profile", offering reflections. Teachers reported positive unsolicited comments about the content of the game. It is concluded that the proposal is an important educational tool used in the Virtual Learning Environment that can assist in teacher training courses in sexuality education.

Keywords: sexual education; inclusion; disability; distance education; educational object.

Introdução

A inclusão tal como vivemos hoje advém de um processo histórico que reflete mudanças de pensamentos e atitudes na sociedade em relação à pessoa com deficiência e que foi marcado por três paradigmas: o paradigma da institucionalização, o de serviços e o de suportes. O Paradigma da Institucionalização caracterizou-se pela segregação das pessoas com deficiência, mantendo-as isoladas das demais, com o pretexto de proteção ou tratamento. No Paradigma de Serviços, havia uma ideologia de normalização e o discurso era a integração, colocando serviços destinados às pessoas com deficiência para que elas se tornassem o mais normal possível aos padrões sociais. No Paradigma de Suportes, o pressuposto é a garantia de direitos, com acesso aos recursos necessários; um suporte social e econômico possibilitaria, então, que a sociedade fosse inclusiva para receber todas as pessoas a despeito de sua condição de diversidade (Aranha, 2001).

Omote (2008) complementa que, a inclusão de pessoas com deficiência, depende não só da garantia de direitos iguais aos demais, mas também de ações em vários setores da sociedade para que toda a comunidade seja acessível e atenda às necessidades de todas as pessoas.

O paradigma da inclusão prevê que toda pessoa, independentemente de seu talento, de sua deficiência, origem socioeconômica ou cultural tenha suas necessidades atendidas (Karagiannis, Stainback & Stainback, 1999); que ela possa conviver igualmente no espaço social e educacional tendo as mesmas oportunidades de acesso e permanência nas escolas regulares. No Brasil, há décadas, temos investido num processo de inclusão que favoreça aos estudantes receber uma educação formal, convivendo entre seus colegas, visando uma situação de socialização plena, com respeito e aceitação. Para Capellini (2009) é compromisso de uma educação inclusiva promover mudanças de atitudes no que se refere à adaptação de metodologias e recursos didáticos no campo da educação.

Na medida em que as pessoas com deficiência convivem com outras pessoas, várias questões emergem, como por exemplo, a sexualidade. A preocupação como o tema sexualidade na educação inclusiva tem sido alvo de estudos diversos (Casarella, 2010; Highway & Webster, 2008; Maia, 2010; Walker-Hirsch, 2007), questionando se há sexualidade e de que forma ela se manifesta em pessoas com deficiência. Este questionamento decorre de uma visão desinformada, preconceituosa e limitada das pessoas em geral, que relacionam a deficiência com uma vida sexual e afetiva atípica e/ou infeliz a partir de várias crenças errôneas (Anderson, 2000; Maia & Ribeiro, 2010).

No entanto, autores/as e pesquisadores/as têm reiterado que a sexualidade é inerente ao ser humano, independente de se ter ou não uma deficiência e que essa condição deve ser reconhecida e respeitada em todos os casos (Couwenhoven, 2007; Kaufman, Silverberg & Odette, 2003; Maia, 2006; Schwier & Hingburger, 2007).

Mesmo assim impera uma desconfiança sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, uma vez que, é comum os processos de educação sexual serem negligenciados, tanto na família como nas escolas ou outras instituições. Muitos comportamentos de estudantes com deficiência considerados inadequados pelos/as educadores/as ocorrem por falta de educação. Essa percepção alimenta preconceitos e a omissão acaba reproduzindo um ciclo de dificuldades.

Por isso, defende-se que as pessoas com deficiência têm direito ao exercício da sexualidade e, também, a oportunidade de participar de programas de educação sexual e o professor deve assumir

essa importante função na escola (Blackburn, 2002; Maia, 2010; 2012; Walker-Hirsch, 2007; Wilson & Burns, 2011).

Neste sentido, os/as professores/as precisam ter uma formação que lhe possibilite compreender a sexualidade no desenvolvimento humano e suas atitudes como educador/a diante da expressão da sexualidade entre os/as estudantes na escola. Autores/as têm defendido a necessidade de capacitação de professores/as sobre sexualidade e deficiência (Albuquerque & Almeida, 2010; Melo & Bergo, 2003; Maia & Aranha, 2005). Ainda mais, se levarmos em conta o fato de, na grade curricular da formação inicial, que o conteúdo de sexualidade e educação sexual não é contemplado e muitos/as professores/as por falta de formação e preparo, atuam de modo a reproduzir seus preconceitos, dificuldades e valores (Maia, 2006; 2011).

Iniciativas de formação do/a professor/a têm aumentado no Brasil, como as propostas de educação continuada na modalidade de Educação a Distância (EaD), que para muitos é uma iniciativa interessante para a atualização de conhecimentos aliando essa atividade ao exercício profissional. Ressalta-se que a Educação a Distância é uma modalidade de educação estabelecida no Brasil pela Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, utilizada como possibilidade de formação ou educação continuada a partir do Decreto nº 5.622/2005 e depois ratificada por outros decretos (Rodrigues & Capellini, 2012).

Maia, Reis-Yamauti, Schiavo, Capellini e Valle (2014) estudaram os relatos de 451 professores/as da rede pública de ensino que opinaram sobre a sexualidade do/a aluno/a com Deficiência Intelectual em um curso na modalidade EaD, destacando que essas propostas de formação continuada para educadores/as deveria abranger a educação sexual.

Assim, em consonância com o exposto, o objetivo deste artigo é apresentar e descrever uma proposta de educação sexual para professores/as, vinculada a uma parte das atividades de uma disciplina de um curso de Especialização em Educação Especial na modalidade EaD.

A elaboração de um objeto educacional para auxiliar na educação sexual na formação de professores/as em um Curso de EaD

Para falar sobre a inserção do conteúdo de sexualidade na formação de professores/as, descreveremos aqui, um dos procedimentos didáticos da disciplina “Família e Desenvolvimento Humano”, mais especificamente, no que se refere a uma parte dela. Tal disciplina faz parte da grade curricular de um curso brasileiro de formação de professores/as na modalidade de EaD, denominado *Redefor Educação Especial e Inclusiva*: *Curso de Formação de Professores em Educação Especial*.¹

Os cursos de Especialização em Educação Especial, nas áreas de Deficiência Auditiva/Surdez, Deficiência Visual, Deficiência Intelectual, Deficiência Física, Transtorno Global do Desenvolvimento e Altas Habilidades/Superdotação possuem cada um, uma carga horária total de 686 horas, distribuídas entre atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), estágio, encontros presenciais, além de

¹ O programa Rede São Paulo de Formação Docente (Redefor) é resultado de um convênio entre a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo (SEE/SP) com a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). O objetivo é a formação continuada de professores por meio de cursos de especialização, em nível de pós-graduação, na modalidade à distância e com encontros presenciais. Em 2014, iniciou-se o Curso de Especialização em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e outros Cursos de Especialização em Educação Especial em várias áreas, tendo como coordenadora acadêmica a Prof^a Elisa Tomoe Moriya Schlünzen e como Coordenador Geral, pelo Núcleo de Educação a Distância/UNESP, o Prof. Klaus Schlünzen.

três provas presenciais e período de elaboração e apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Cada curso apresenta três módulos com diferentes disciplinas e o Módulo I, com 170 horas, tem as mesmas disciplinas para todos os cursos, denominado de “Tronco Comum”: “Diversidade e Cultura Inclusiva”, Políticas Públicas: Educação especial e inclusiva”; “Gestão Democrática e Plano Político Pedagógico”, “Metodologia da Pesquisa I” e “Desenvolvimento Humano e Família”.

A disciplina “Desenvolvimento Humano e Família”² tem como objetivo: “conhecer e refletir sobre o desenvolvimento humano na infância e adolescência e como o/a educador/a deve compreender e lidar com a manifestação da sexualidade dos/as estudantes na escola”. E, mais especificamente:

- Conhecer os principais marcos do desenvolvimento infantil e da adolescência subsidiando o seu trabalho com as populações nesta faixa etária em geral e com o público alvo da educação especial, numa perspectiva inclusiva;
- Subsidiar conhecimento sobre a sexualidade no desenvolvimento humano e refletir sobre como agir diante das manifestações sexuais dos/as estudantes na escola.

A configuração desta disciplina, com 30 horas de duração, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), foi basicamente a seguinte:

- 1ª semana - Tema de Desenvolvimento Humano: havia um texto relacionado às fases da infância e adolescência e uma atividade de questionário auto-corrigível;
- 2ª semana - Tema da Sexualidade Humana: havia um texto relacionado à sexualidade e deficiência e um jogo/objeto educacional;
- 3ª semana - Tema da Família: havia um texto relacionado ao tema da relação escola-família e uma atividade de relato de uma experiência favorável de participação da família na escola.

O Objeto Educacional favorecendo a discussão sobre sexualidade

A partir da leitura do texto sobre Sexualidade e Educação Sexual, que tratava do conceito de sexualidade; da sexualidade no desenvolvimento humano: infância e adolescência; da sexualidade na pessoa com deficiência e a Educação Sexual: como lidar com manifestações sexuais dos/as estudantes na escola, os/as professores/as cursistas deveriam participar do Objeto Educacional/jogo, denominado “Desafios e Ações de professores na Escola”, descrito, a seguir:

Neste Objeto Educacional havia oito situações relacionadas ao desenvolvimento humano; aqui descreveremos somente as quatro primeiras, que tinham o tema da sexualidade como foco de discussão. As outras situações referiam-se a indisciplina ou a inclusão e adaptação de atividades a estudantes com deficiência.

As quatro situações sobre sexualidade apresentadas aos/às professores/as retratavam atitudes de interação entre o/a professor/a e os/as estudantes, tais como: uma pergunta de um/a estudante sem deficiência sobre sexualidade na sala de aula, o namoro entre estudantes surdos/as na escola, *bullying* entre estudantes, direcionado a uma cadeirante obesa e o comportamento de masturbação de um aluno com síndrome de Down na sala de aula.

Diante de cada situação apresentada, o/a professor/a deveria escolher uma entre quatro ações possíveis. Estas ações referiam-se a diferentes atitudes que os/as professores/as poderiam ter diante de cada situação. Ao escolher uma ação, o/a professor/a tem acesso a um “desdobramento”, isto é, lê

² As autoras desta Disciplina são as mesmas do presente artigo.

uma descrição sobre possíveis consequências e em cada uma delas isso significaria um “perfil”. Veja a seguir:

SITUAÇÃO 1 - A professora está dando aulas de português e começa a explicar a importância de usar letras maiúsculas no início do parágrafo, corrigindo a frase escrita na letra com a letra “t” minúscula. O aluno Marcos, diz em voz alta: “Eu entendi que ai tem que colocar um tesão então”. Os colegas da sala começam a dar risada e outros cochicham. Marcos então, sem entender direito do porque sua palavra gerou tanta graça, grita: “Fessora, o que é Tesão”?

CENA 1. A professora responde a ele “Tesão é a letra T bem grande”, apagando a lousa rapidamente e mudando de atividade.

DESDOBRAMENTO - Se a professora tentar minimizar o ocorrido e fingir que aquilo não despertou o interesse dos/as alunos/as, essas perguntas e comentários irão se repetir em outras ocasiões e o aluno Marcos continuou sem saber o que tinha acontecido podendo aumentar sentimentos de ansiedade e inadequação (Perfil A).

CENA 2. A professora dá uma bronca nos alunos e diz que eles ficarão sem intervalo e diz ao aluno Marcos que ele está de castigo também, ameaçando chamar a mãe dele para uma conversa se aquilo se repetir.

DESDOBRAMENTO - A professora tornou uma situação do cotidiano que desperta curiosidade nos estudantes em uma situação aversiva e complexa. Marcos nem entendeu o que tinha feito de errado e pode atribuir que o errado foi perguntar, tornando-o tímido para outras perguntas. Toda a sala é punida por um comportamento comum da idade (Perfil B).

CENA 3. A professora pergunta ao menino o que ele acha que significa e depois pede aos colegas para explicarem porque acharam graça.

DESDOBRAMENTO - A professora, primeiramente, quer ouvir a opinião de Marcos, para ver o que ele entendeu e dá chance aos colegas de explicarem. Diante do ocorrido, a professora permite que os estudantes expressem suas curiosidades e aproveita para dizer que certas palavras e expressões têm significados coloquiais e de outra natureza. Após esclarecer minimamente sobre o assunto, os estudantes se aquietam e ela volta às atividades inicialmente planejadas (Perfil C).

CENA 4. A professora grita aos alunos que parem de rir e manda que Marcos fique quieto, porque ela não admite conversas “desse” tipo na sua sala.

DESDOBRAMENTO - A professora usa da autoridade para deixar os estudantes quietos e obedientes, não valoriza e inibe as curiosidades dos/as alunos/as. Consegue que os/as alunos/as fiquem quietos pelo medo, mas nem Marcos, nem os colegas puderam expressar suas dúvidas e curiosidades, alimentando uma relação hostil entre professora e estudantes (Perfil D).

SITUAÇÃO 2 - Dois alunos com surdez, Mariana e João estudam na mesma sala de aula, junto com seus colegas ouvintes. No intervalo, Mariana e João ficam próximos aos outros estudantes surdos na escola, porque com eles/as conseguem se comunicar melhor. Os dois nutriam uma bela amizade que, aos poucos, se transformou em amor. No último intervalo, Mariana e João foram vistos de mãos dadas e, quando o professor se aproximou deles, Mariana perguntou se ele achava que ela iria se casar com ele.

CENA 1. O professor finge que não entendeu a língua de sinais, dá um sorriso e faz gesto para eles entrarem na sala.

DESDOBRAMENTO - Quando um/a professor/a finge que não viu algo que o/a incomoda, pode estar resolvendo um desconforto pessoal, mas isso não vai resolver o problema, porque as situações podem ocorrer novamente e também porque se reforça aos estudantes a ideia de que o/a professor/a não soube ou não sabe dialogar sobre o assunto (Perfil A).

CENA 2. O professor faz uma cara de espanto, diz que é muito cedo para eles pensarem nisso, que seus pais não iam gostar de saber disso e proibiu que eles ficassem próximos no pátio da escola e na sala de aula.

O professor agindo assim, infantiliza os estudantes, não respeita a possibilidade deles de fato estarem enamorados. Mesmo de mãos dadas, os estudantes não estavam agindo de modo inadequado e seria um exagero chamar os pais ou proibir o contato deles (Perfil B).

CENA 3. O professor se aproxima, conversa com os dois, pergunta o que João acha disso e comenta que é muito bom se sentir amado e que quando ficassem mais adultos poderiam pensar nisso.

DESDOBRAMENTO - O professor respeita os/as estudantes, entende que o afeto e namoro fazem parte do desenvolvimento, aceita, acolhe e ainda conversa, sinalizando que o casamento é uma atitude a ser tomada ou não na vida adulta. Essa atitude é saudável ao desenvolvimento humano (Perfil C).

CENA 4. O professor dá uma bronca, diz que na escola não é lugar de sem vergonhice.

DESDOBRAMENTO - O professor usa de sua posição de autoridade para proibir um comportamento, julgado por ele como inadequado. Usando da autoridade, o professor faz com que os envolvidos se sintam mal e culpados (Perfil D).

SITUAÇÃO 3 - Durante uma aula, a professora de matemática esta fazendo contas na lousa usando como exemplo a medida quilograma. Ao chamar o aluno Thiago para uma atividade, ele explica seu exercício citando o nome da colega Inês, cadeirante, dizendo que ela é “tão gorda que dá para subtrair quilos dela que ainda ia boiar na piscina”. Alguns estudantes dão risada e Inês começa a chorar e a jogar seus materiais sobre Thiago, gerando uma briga na sala de aula.

CENA 1. A professora diz que vai chamar ajuda, sai da sala de aula e deixa que a briga continue sem sua interferência.

DESDOBRAMENTO - A professora não deveria se omitir e deixar que uma situação, ruim para todos os envolvidos, continuasse sem sua interferência. Thiago tem um comportamento agressivo quando age de modo a discriminar a colega cadeirante e ela, também quando reage atirando objetos nele. Quando a professora se omite ela passa uma mensagem que essa violência é aceitável, o que ela não poderia deixar acontecer (Perfil A).

CENA 2. A professora chora também, dizendo que isso é um crime, que a menina não tem culpa de ter deficiência e ser obesa; segura o menino pelo braço e o leva até a sua carteira dizendo que ele é uma pessoa do demônio.

DESDOBRAMENTO - A professora não pode ser emotiva a ponto de não se posicionar diante do ocorrido. Ela também não deveria usar de seus valores pessoais, julgando de modo exagerado o ocorrido (“crime”, “demônio”); além disso, não deveria posicionar-se à diferença com piedade (Perfil B).

CENA 3. A professora pede silêncio aos alunos/as e que Inês se acalme; abre um debate sobre as características diferentes de todos/as e tenta mostrar como as pessoas se sentem quando são rotuladas pedindo que o colega se desculpasse.

DESDOBRAMENTO - A professora aproveitou a situação para conversar com a turma, percebeu a atitude de discriminação e tentou dialogar e refletir junto com todos/as os/as alunos/as fazendo com que o agressor se retratasse, entendendo o mal que causou. Sem ser conivente, nem autoritária, a professora tentou resolver o problema e ainda aproveitou para discutir um tema importante como o respeito ao outro (Perfil C).

CENA 4. A professora exige que Thiago peça desculpas à colega publicamente ameaçando-o com a retirada de notas. Assim, ela até pode conseguir que Thiago peça desculpas, mas ele o fará “obedecendo”, sem perceber o que de fato fez de mal. Pode também ficar com raiva da professora e em uma próxima oportunidade, repetir atitudes assim. O estudante não entendeu as consequências de sua atitude e o que a professora fez não o ajudará a fazer isso (Perfil D).

SITUAÇÃO 4 - Uma professora está dando aulas quando Daniel, seu aluno com deficiência intelectual que frequenta a sala regular, está sentado em sua carteira, no fundo da sala, e começa a manipular seu pênis. Uma colega vê e vai até à professora mostrar e contar o que ele está fazendo no fundo da sala.

CENA 1. A professora não diz nada e pede para a menina ir sentar e não olhar mais para o menino.

DESDOBRAMENTO - A professora não deve fingir que não viu. Ela precisa ajudar e ensinar Daniel a aprender o que é um comportamento adequado ou inadequado na sala de aula. Se ela não disser nada, ele não vai aprender sobre como se comportar e vai manter o comportamento (Perfil A).

CENA 2. A professora dá um grito, chama a atenção dos/as demais alunos/as da sala que começam a rir e apontar ao menino. A professora manda ele parar de mexer nesse lugar “imundo” e diz que vai chamar seus pais na escola. Depois chama a diretora para conversar com ele e com toda a sala.

DESDOBRAMENTOS - A professora aumentou o problema, pois chamou a atenção de todos/as e expôs Daniel. Ao invés de conversar diretamente com ele sobre o que estava acontecendo, levou o assunto ao conhecimento dos demais sem necessidade. Ela poderia conversar com ele e ensinar noções de público e privado, sem precisar chamar os pais ou recorrer à diretora (Perfil B).

CENA 3. A professora chega perto do aluno, diz em voz baixa que está vendo ele mexer no corpo, mas que ele deve fazer isso em um lugar privado e não na sala de aula e na escola.

DESDOBRAMENTO - A professora não se omitiu, nem repreendeu; tentou explicar a ele noções de privacidade e respeito. Não disse que tocar no corpo era algo ruim, mas chamou sua atenção para condutas adequadas socialmente, o que é muito importante (Perfil C).

CENA 4. A professora corre até Daniel e grita: “Guarda já esse negócio senão vou mandar cortar!!”

DESDOBRAMENTO - A professora tenta resolver a situação gritando e ameaçando, o que pode gerar no estudante ansiedade e medo, além de colaborar com que ele relacione o corpo com algo ruim e “errado” e não o ajude a se comportar adequadamente (Perfil D).

Ao final do jogo, as ações escolhidas pelo professor levam-no a um “perfil”, que poderia ser: “professor/a inseguro/a”, “professor/a autoritário/a”, “professor/a exagerado/a” e “professor/a cauteloso/a e atento/a” (Ver Quadro 1), podendo ainda, em caso de empate, aparecer mais de um perfil.

Descrições do Perfil no Jogo “Desafios e Ações de professores/as na Escola”

[Fonte: elaborado pelas autoras]

PERFIL	Reflexões
PERFIL A PROFESSOR/A INSEGURO/A	“Você pode ser considerado/a um/a professor/a inseguro/a, com pouca experiência diante de situações inesperadas. Precisa estudar e conhecer mais sobre as questões teóricas para se sentir mais confiante para lidar com as situações e dilemas que ocorrem no cotidiano escolar. Geralmente, não “faz nada” tentando resolver o problema ou ganhar tempo, não encarando de fato que é preciso tomar uma atitude. É importante você perceber que você pode sim reagir, tomar providências e lidar com a situação! Se tiver receio, peça ajuda, mas nunca se omite porque as coisas tendem a se repetir e você pode perder o controle e dificultar depois ainda mais as coisas”.
PERFIL B PROFESSOR/A EXAGERADO/A	“Você pode ser considerado/a um/a professor/a muito exagerado/a! Que torna, às vezes, o problema maior do que ele é. Ao invés de tentar resolver as coisas com calma, pensar primeiro antes de agir, acaba tendo atitudes impulsivas que atingem a todos na escola: envolver outros/as professores/as, direção ou familiares pode expor ainda mais seus alunos/as e a si mesmo. Contar com ajuda de colegas e a parceria com a família é muito importante, mas essa colaboração deve ser planejada e não impulsiva, caso contrário você pode também se desgastar e não ajudar a resolver as coisas”.
PERFIL C PROFESSOR/A CAUTELOSO/A; ATENTO/A	“Você é um/a professor/a consciente e atento/a. Parece agir de modo cauteloso e prudente diante da diversidade de comportamentos e desempenhos dos/as alunos/as. Tenta conversar com os/as alunos/as, explicando as coisas e procurando entender os seus comportamentos. Procura resolver as situações com calma, priorizando o diálogo antes de julgar e repreender agindo, sobretudo, com bom senso diante dos imprevistos”.
PERFIL D PROFESSOR/A AUTORITÁRIO/A	“Você pode estar exagerando tentando resolver os problemas de modo autoritário. O/A professor/a deve ter o controle da situação com autoridade, mas não autoritarismo. Controlar os/as alunos/as com ameaça e punição pode resolver momentaneamente a situação. Mas, a longo prazo, isso pode gerar mais indisciplina e violência. Talvez você também se sinta ameaçado/a e pressionado/a pelas condições do trabalho, pelo cansaço, pela pressão e acaba reproduzindo essa situação. Já pensou nisso?”

E, ainda, após a leitura do perfil, havia a seguinte mensagem:

ATENÇÃO: “Você chegou a um ‘perfil’... isso não quer dizer que este perfil faz de você o ‘melhor’ ou ‘pior’ professor! Nem que você tenha esse perfil sempre e isso nunca mude! O perfil apontado é apenas uma dica para você refletir sobre como tem agido diante dos estudantes nas suas atividades na escola, percebendo as situações possíveis de serem enfrentadas na escola, as possíveis ações que podemos (ou não) ter e alguns desdobramentos decorrentes de cada uma dessas ações. Agora é com você refletir sobre tudo isso!”

Avaliação do objeto educacional pelos professores cursistas

O objeto educacional “Jogo Desafios e Ações na Escola” configurou-se como uma atividade interativa. Havia quadros com cenas desenhadas e um narrador e as imagens eram sequentes às escolhas dos/as professores/as. O diálogo entre autoras, a Designer educacional³ e a equipe de desenhistas nem sempre foi afinado no sentido de garantir que a ideia inicial se concretizasse nas imagens dos personagens e nos cenários. No entanto, prevalece nesse relato, o conteúdo descritivo das situações e ações elaboradas no referido jogo.

A proposta foi reproduzir situações que eram comuns no cotidiano das escolas de modo que o/a professor/a refletisse sobre suas ações. Mesmo que uma ação pudesse, obviamente, parecer mais “adequada” que outras e o/a professor/a percebendo isso, direcionasse seu “perfil” de modo intencional, o objetivo era que ele/a refletisse e não, de fato, “acertasse” ou “errasse”. Mesmo que o/a professor/a elegeisse, em todas as situações, uma ação mais adequada ele/a poderia ter curiosidade de ler os desdobramentos das ações que já tomou ao longo de sua vida profissional ou desejou tomar, seja por inexperiência ou desinformação.

Muitos cursistas gostaram de participar do jogo. Relataram espontaneamente avaliações positivas, tanto sobre a importância do tema na escola inclusiva como a possibilidade de reflexão suscitada pelo jogo. Exemplos de depoimentos dos/as cursistas:

“Achei o jogo muito bom, quantas vezes passamos por essas situações, e temos que pensar sobre nossas posturas”.

“Realmente, acho que já vivenciei a maioria das situações apresentadas no objeto de aprendizagem e, se bem me lembro de todas essas situações, sempre resolvi através de diálogo com os alunos, mostrando para eles as coisas que não são consideradas corretas e, a partir da conscientização, trabalhando os mais variados temas”.

“De fato as situações retratadas são muito reais no contexto escolar e é necessário estar preparado para analisar e intervir de forma pedagógica, coerente e tranquila”

“Concordo que as situações retratadas no jogo são muito reais e é necessário estar preparado para analisar e intervir de maneira mais adequada e pedagógica”

“Refleti muito sobre os textos disponibilizados, lembrando de situações vivenciadas na escola e levamos muito sobre o que somos nas orientações e isso deve ser feito realmente de modo cuidadoso. O alerta do Atenção é ótimo, pois com certeza não tenho sempre esse perfil e com certeza existem situações que esse perfil muda. Uma coisa tenho certeza: é de que tenho pensado muito mais antes de agir ou falar e que me sinto muito mais responsável no papel como professora e isso ocupa boa parte das minhas preocupações”.

“Percebi que as situações do jogo acontecem muitas vezes em sala de aula e que devemos analisar, refletir para tomarmos as ações mais adequadas e pedagógicas possíveis, a fim de orientar e informar os nossos alunos”.

³ Agradecemos aqui a colaboração constante da DE Soellyn Bataliotti nessa elaboração.

“Tanto os textos como as postagens das colegas colaboraram para subsidiar minhas ações, fazendo com que refletisse e analisasse cada uma das situações do jogo e para uma maior compreensão do desenvolvimento do ser humano”.

Considerações Finais

A participação entusiasmada dos/as cursistas-docentes nas atividades relacionadas ao tema da sexualidade, apontando as dificuldades e desafios de atuarem como educadores/as sexuais ressalta a importância da formação nesta área.

As situações propostas no objeto educacional foram retratadas pelos/as professores/as como situações reais que acontecem de fato na escola, levando a reflexão sobre as ações diante delas. Acreditamos que propor situações projetivas em que o/a professor/a possa perceber e refletir sobre suas próprias ações e possíveis dificuldades para lidar com a sexualidade de estudantes seja um caminho pedagógico importante para a finalidade de uma formação continuada de professores/as.

Espera-se que o/a professor/a possa, após o esclarecimento teórico, perceber suas próprias ações e refletir sobre elas a partir de um objeto educacional que é lúdico e ilustrativo. Este recurso interativo parece ser um importante instrumento pedagógico usado no Ambiente Virtual de Aprendizagem que pode auxiliar na formação de professores/as em cursos de educação para a sexualidade.

Na escola inclusiva, todos os/as estudantes devem ser reconhecidos em sua diversidade tendo os mesmos direitos à educação e, igualmente, serem reconhecidos em sua dimensão sexual inerente ao desenvolvimento humano.

Bibliografia

- Albuquerque, P. P. & Almeida, M. A. (2010). Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação de professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 91(228), 408-423.
- Anderson, O. H. (2000). *Doing what comes naturally? – dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities*. Illinois/USA: High Tide Press.
- Aranha, M. S. F. (2001). Paradigmas da relação entre a sociedade e as pessoas com deficiência. *Revista do Ministério Público do Trabalho*, Brasília, 11 (21), 160-173.
- Blackburn, M. *Sexuality & disability*. Oxford: Butterworth Heinemann, 2002.
- Capellini, V. L. M. F. (2009). O direito de aprender de todos e de cada um. In Moraes, M.S.S., & Maranhe, E.A. (Orgs). *Introdução Conceitual para Educação na Diversidade e Cidadania* (65-100). São Paulo: Coleção UNESP/SECADI/UAB.
- Casarella, J. (2010). Mejor hablar de ciertas cosas. In Tallis, J. *Sexualidad y Discapacidad* (pp.17-39). Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila.
- Couwenhoven, T. (2007). *Teaching children with Down Syndrome about their bodies, boundaries and sexuality - a guide for parents and professionals*. Bethesda/USA, WoodbineHouse.
- Heighway, S. M. & Webster, S.K. (2008). *S.T.A.R.S. - A Social Skills training Guide for teaching assertiveness, relationship skills and sexual awareness*. Texas: Future Horizons, Inc.
- Karagiannis, A., Stainback, W. & Stainback, S. (1999). Fundamentos do Ensino Inclusivo. (pp.21-34). In Stainback, S. & Stainback, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Kaufman, M., Silverberg, C., & Odette, F. (2003). *The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness*. Califórnia/USA: Cleis Press.
- Maia, A. C. B. (2006). *Sexualidade e Deficiências*. São Paulo: Ed. Unes

- Maia, A. C. B. (2010). Sexualidade e deficiência intelectual: questões teóricas e práticas. In Capellini, V.L.M.F. (Org). *Práticas pedagógicas inclusivas: da criatividade à valorização das diferenças* (pp.11-38). Brasília: MEC; UNESP.
- Maia, A. C. B. (2011). Inclusão e sexualidade na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá.
- Maia, A. C. B. (2012). A Educação Sexual de pessoas com deficiência intelectual. *Revista ELO do Centro de Formação Francisco de Holanda Guimarães*, 19(1), 103-108.
- Maia, A. C. B. & Aranha, M.S.F. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação (Curitiba)*, 9(1), 103-116.
- Maia, A. C. B. & Ribeiro, P.R.M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(2), 169-176.
- Maia, A. C. B., Reis-Yamauti, V.L., Schiavo, R.A., Capellini, V.L.M.F. & Valle, T.G.M. (2014). Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. *Revista Estudos de Psicologia*, no prelo.
- Melo, M. R. & Berço, M.S.A.A. (2003). Atuação do professor diante de manifestações da sexualidade nos alunos portadores de deficiência mental. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, 9(2), 227-236.
- Omote, S. (2008). Diversidade, Educação e Sociedade Inclusiva. In Oliveira, A.A.S.; Omote, S.; Giroto, C.R.M. *Inclusão Escolar: as contribuições da educação especial*. (pp.15-32). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, Marília: FUNDEPE Editora,
- Rodrigues, L. M. B. C. & Capellini, V.L.M.F. (2012). Formação continuada e educação à distância. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18 (4), 615-628.
- Schwier, K. M. & Hingsburger, D. (2007). *Sexuality - your sons and daughters with intellectual disabilities*. Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Walker-Hirsch, L. (2007). Sexuality Education and Intellectual Disability across the Lifespan: developmental, social and education perspective. In Walker-Hirsch, L. *The Facts of Life... and more-sexuality and intimacy for people with intellectual disabilities*. (pp.3-28). London: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Wilson, R. J. & Burns, M. (2011). Intellectual Disability and Problems in Sexual Behaviour – assessment, treatment and promotion of healthy sexuality. Massachusetts: NEARI Press.